ANO 8.º — Sexta-feira, 28 de Janeiro de 1916 — NUMERO 406

# O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

Propriedade da Emprêsa

Oficina de composição, Rua Direita — Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões — AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

(AVENÇA)

# DUAS QUERÉLAS

**O "Democrata,, está processado. Chamaram-no aos tribunais o filho de Manuel Firmino, o politico mais desastrado e indecoroso que Aveiro tem tido, e o padre Pato, que na freguezia de Aradas está pastoreando sem o apoio de grande numero dos seus paroquianos.**

**Que significa isto? Que quer dizer esta investida dos dois varões... assinalados?... Simplesmente que contra o "Democrata,, se organisou um "complot,, para o aniquilar. E' mais que cérto. Mas se com um tal procedimento julgam que nos hão-de coagir, enganam-se porque havemos de demonstrar a quantos se acham empenhados nessa ingloria taréfa que não será facil deixarmos de prestar á verdade o culto fervoroso que ela merece.**

**E a Verdade é que hade triunfar nesta terra que uma horda de corruptos tem por todas as fórmas enxovalhado, conspurcando-a.**

**Cêdo ou tarde, hade triunfar, garantimo-lo.**

## Luz!

Quando no nosso numero passado referimos o grande incendio havido em Lisboa no Deposito de Fardamentos, limitámo-nos apenas a registrar o tristissimo acontecimento sem uma palavra sequer que traduzisse a amarga e cruciante convicção de que tal acto era o fatal resultado dum crime.

Se tal afirmassemos, logo haveria quem nos mal-dissésse — excomungando mais uma vez as linguas viperinas, as almas danadas que nada deixam escapar sem o fel envenenado da sua peçonha!...

Em todos os tempos foi assim!

Desde o dia fatal desse crime até hoje vimos realisada a prisão de duas pessoas que se tinham apossado duns carros de linha caídos á rua, e ainda de outros dois empregados do Deposito a quem imputam responsabilidade ou conivencia no devastador incendio.

*Além* disto, vários inqueritos — o da policia, o do *Mundo* e aquele que, por ordem do govêrno, se deve iniciar... brevemente.

A proposito, porém, de tal inquerito, foi ante-ontem dito no Senado pelo sr. Antonio Campos, que não conhecemos nem tão pouco sabemos a que politica pertence, alguma coisa, como se vê da passagem do seu discurso, que não podemos fugir a trasladar para aqui, ainda que resumidamente, como apareceu nos extractos parlamentares de alguns diários:

.... Desejava tambem interpelar o ministro sobre a nomeação da comissão parlamentar de inquerito ás causas que motivaram o incendio de Santa Clara e sobre fornecimentos ao exercito, de que o Senado tambem se devia ocupar. Esse descuido ou essa demora parece confirmar as afirmações que correm de existirem gràves irregularidades nos serviços de administração militar. Como auditor dos tribunaes de guerra, póde afirmar que houve verdadeiras fraudes e roubos praticados por militares, não citando nomes para o fazer no dia em que fôr chamado á responsabilidade das suas afirmações, hoje expendidas, de que toma inteira e absoluta responsabilidade.

Nós, republicanos — puros e simples republicanos — perguntamos a todos os bons patriotas e portuguêses, depois de tão categoricas afirmações, por que espera o govêrno para conhecer e saber dos autores dessas verdadeiras fraudes e roubos, denunciados no seio da representação nacional. *Porque* não procura o *Mundo* conhecer, no seu inquerito, se de taes fraudes e roubos resultou o incendio do Deposito de Fardamentos?

O que faz a Justiça que não chama já o senador Antonio Campos á responsabilidade das suas gravissimas acusações?

Luz, muita luz!

Exige-a a nação! Exige-a o decoro das Instituições!

---

**O DEMOCRATA**

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

## Onde está êle?

—=(*)=—

Na folheca alugada pela gente da Vara-Cruz para exalçar o chefe da quadrilha de quem a historia resa os notaveis feitos de que temos dado conta ultimamente aos nossos leitores, apareceu, encimado com o titulo — *Um protesto* — um artigo de que extratâmos estes periodos:

«Iniciou-se na cidade um movimento de protesto contra a acção demolidora aí em pratica desde muito, na pretenção de atingir e maguar a memoria de um dos mais ilustres e prestantes filhos desta terra na pessoa ou nas pessoas que hoje representam essa **grande individualidade patriotica e politica.**»

. . . . . . . . . . . . . . .

E depois de falar no tribunal, para onde nos chamam os glorificadores do antigo regedor de Avanca:

. . . . . . . . . . . . . . .

«Cá por fóra, entretanto, a onda da revolta cresce. Cresce, avoluma-se, alastra. A cidade, representada pelos seus principais elementos de vida e de trabalho, de inteligencia e de actividade, a cidade, representada pelas suas inergias vivas, pelos homens que nela desempenham os primeiros e mais altos cargos publicos, pelas colectividades mais respeitaveis e de maior valor, toda ela, desde o seu primeiro magistrado ao mais humilde dos seus cidadãos, lança, á porfia, o seu nome, em numerosas folhas de papel em que se exara o seu veemente protesto contra essa abominavel cruzada de injurias e odios, repelenta selvageria que só de gente daquele estofo podia nascer.

Mas a cidade dirá mais; a cidade, o concelho e o distrito, justissimamente maguados, justissimamente ofendidos nos seus brios, no seu nome, no seu sentimento de patriotica gratidão.»

. . . . . . . . . . . . . . .

«Era necessario um desforço assim, completo, radical, que pozésse termo, por uma vez, ao abuso que do nome da terra se faz apregoando que é em nome dela e por ela que se faz.

A terra levanta assim o seu indignado protesto. Ela que é contrária, absolutamente contrária a tudo isso, ela que abomina a infamia, ela que detesta os caluniadores, ela que exalsa em tantas manifestações de reconhecimento os seus homens mais prestantes e benemeritos.

A terra suportou com uma paciencia evangelica quanto de deprimente, de irrespeitoso, de ofensivo mesmo da sua educação e dos seus brios de terra civilisada e grata quanto aí se tem dito e escrito que deprime e envergonha. Chegou o momento em que já não poude mais, e resolveu reagir. Firmou, pois, pelo punho dos que a representam e enobrecem, o documento, os documentos que foram enviados á Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses dando o seu apoio á ideia da colocação dos azulejos que retrátam os dois notaveis homens publicos que foram José Estevam e Manuel Firmino, nos frontões do seu novo e elegante edificio local.»

. . . . . . . . . . . . . . .

Mas onde está ele, quem é que viu esse protesto de que dá conta, pela penna do *Bichêsa*, o desafinadissimo *orgão dos taberneiros?*

Eternos intrujões! Inegualaveis comediantes!

O protesto são as assinaturas que colheram o Emilio, continuo da camara, o Nordeste e o porteiro do governo civil, para mostrar á Companhia dos Caminhos de Ferro que a *cidade*, o *concelho* e o *distrito* pedem Manuel Firmino como as creanças a Emulsão de Scott?

Apareçam esses nomes, vá, quanto antes; os nomes dos *libarais*, os nomes aos que acham justo, acham digno, acham aceitavel a ideia que teve a familia de indicar a colocação do retrato do *heroe, em vida burlescamente celebrisado, de mil e uma proesas deprimentes*, ao lado do de José Estevam. Não tenham vergonha. Apareçam todos á luz do dia, em publico, para que não possa haver confusões. Protestos jesuiticos, feitos na sombra, hão-de concordar que é deprimente e não abona o caracter de quem os faz.

Porque a verdade é esta: até hoje ainda ninguem observou nada daquilo que o *orgão dos taberneiros* diz aos seus *numerosissimos* leitores, que regulam agora por uns cincoenta, aproximadamente, depois que a familia do *benemerito conselheiro* o tomou de aluguer para castigar a *croja*... que não se deixa ir a reboque da nogenta firminada.

---

*O* **Democrata** *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

## Embaixador do Brazil

Morreu em Lisboa fulminado por uma apoplexia o sr. dr. Régis de Oliveira, que desde 14 de Março de 1914 exercia com notavel proficiencia o logar de representante dos E. U. do Brazil em Portugal.

O sr. dr. Régis de Oliveira, nascido na cidade do Rio de Janeiro, contava 71 anos de edade e era o mais antigo dos diplomatas de carreira do seu país, pois entrou na diplomacia em 1871.

Muito inteligente, de finissimo trato, e sinceramente amigo do povo lusitano, não exagerâmos se dissérmos que a morte do distintissimo brazileiro enlutou a nação inteira, que deplora o desaparecimento do insigne homem publico com aquêla magua com que costuma acompanhar as grandes perdas.

O seu funeral, realisado na segunda-feira, com todas as honras devidas ao alto cargo que entre nós desempenhava, e no qual se fizéram representar todas as classes, o sr. Presidente da Republica, o govêrno, o exercito de terra e mar, etc., revelou bem a estima que o sr. dr. Régis de Oliveira gosava no seio da familia portuguêsa, pois foi dos mais concorridos que teem atravessado as ruas da capital depois dos dos malogrados almirante Candido dos Reis e dr. Miguel Bombarda.

---

**Já alguem chamou** *virtuoso* **ao padre Pato?**

**Até hoje ninguem se atreveu a isso. Mas se ha alguem que agora lhe seja capaz de chamar virtuoso — diga as virtudes que o homem tem ou diga o bem que ele pratica.**

## Pedaços de historia contemporanea

### "Cincoenta anos de vida publica,, a atestar a miseria moral dum politico que passou o tempo em ignobeis tranquibernias

## Dois artigos que dizem tudo

### ANARQUIA ADMINISTRATIVA

—=(*)=—

«Lavra neste distrito a anarquia mais tôrpe e desbragada que se tem visto em Portugal depois de 1846.

O sr. Manuel Firmino, que estava exercendo o cargo de governador civil substituto em Aveiro, desceu da cadeira de governador civil para ir tomar conta da presidencia da câmara por alguns dias, com o firme proposito de voltar ao governo civil quando muito bem lhe aprouver.

Ora pelo artigo 7.º paragrafo 1.º n.º 8 do Codigo administrativo, os governadores civis não pódem ser eleitos para os corpos administrativos e o paragrafo 2.º do mesmo artigo claramente dá a entender que o codigo o que quiz foi evitar que o mesmo individuo reunisse em si as duas autoridades de governador civil e presidente da câmara.

Não entende, porém, assim o sr. Firmino, que hoje é presidente da câmara e ámanhã governador civil, tendo até já chegado a exercer os dois cargos no mesmo dia e isto sem causa justificada ou motivo justo, mas unicamente por mero arbitrio de tão elevado senhor.

O facto em si mostra aonde desceu a administração do distrito de Aveiro depois que caíu nas mãos do sr. Firmino, mas a causa que o levou a deixar o governo civil é que toca as raias de um verdadeiro escandalo.

**O sr. Manuel Firmino, quando presidente da câmara distraíu do cofre dela cêrca de 7 contos para as suas despêsas particulares.** O sr. vice-presidente teve a hombridade de lhe exigir que entrasse com a sôma distraída no cofre da câmara, e o sr. Firmino, depois de umas operações dificeis, pôde entrar com a maior parte da sôma distraída. Mas na câmara haviam ficado os vestigios da distração e era preciso apagar o rasto e alterar uma acta que lá existia lavrada. Entrou e quando tiver posto em ordem os papeis torna a saír.

**Uma verdadeira devassidão administrativa que não estranhamos no presidente da ultima hora, porque está em harmonia com o mais que por aí se faz sob o mando do governador civil de ontem.**

O que, porem, muito nos admira é a tolerancia do sr. José Luciano, ministro do reino e presidente do conselho de ministros. Faziamos de s. ex.ª um juizo mais elevado. Pois v. ex.ª toléra como seu imediato delegado e representante um homem que, como presidente da câmara, **distráe 7 contos de reis para seu uso,** entrando com parte deles sómente quando a isso o obrigam?

Pois v. ex.ª, sr. ministro do reino, consente que continue a administrar o municipio de Aveiro um homem **que se serve do dinheiro do cofre para seu uso particular?**

E' impossivel que v. ex.ª consinta ou tolére tão grande patifaria. Ou v. ex.ª está cégo pela paixão politica ou perdeu a ultima noção do justo e da honra.

Apelâmos para o sr. ministro do reino esperançados em que s. ex.ª fará reinar a moralidade neste distrito. Se os factos nos mostrarem que estamos em erro levantaremos aqui mais uma forca por debaixo da qual s. ex.ª hade passar.»

(Do *Correio de Aveiro*, de 26 de agosto de 1887.)

* * *

### O DESVIO DO COFRE

—=*=—

«**Não foi só o sr. Manuel Firmino, presidente da câmara, que desviou seis contos e tanto do cofre da câmara; o sr. Manuel Firmino, governador civil, tambem pretendou meter as mãos no cofre do Estado.**

Quando as circunstancias se tornaram muito criticas, epistolou a um claviculario do cofre, pedindo-lhe, a titulo de adeantamento, um conto de reis para seu uso. Este, porém, negou-se e aquela instou com segunda e terceire missiva.

Vendo o **homem dos desvios** a resistencia do empregado, dizem que escrevera para Lisboa pedindo a transferencia de quem ousou opôr-se á vontade onipotente dele, que diz não conhecer embaraços.

O empregado ameaçado teve que tornar conhecido a causa que determinava o motivo da sua transferencia, e para isso foi forçado a mostrar as cartinhas a alguns cavalheiros do distrito que, pela sua posição, mais influem nos destinos desta terra.

E aqui teem o homem que dirige e governa o distrito de Aveiro, ontem como governador civil, hoje como presidente da câmara, sempre ladeado pela familia e adeptos, que a todos o governo tem contemplado com empregos e concessões por mero favoritismo e gràve escandalo.

E' ao sr. ministro do reino a quem mais uma vez nos dirigimos. S. ex.ª nomeou para Aveiro um governador civil **sem competencia nem habilitações,** esperançado que os seus actos justificassem a nomeação que lhe impozéram.

Uma vez investido no poder o nomeado **que se havia locupletado com dinheiro da câmara de que era presidente, quiz tambem meter as mãos no cofre do Estado, de que era fiscal e claviculario.** A experiencia está feita. **Se o deixam continuar leva tudo na sua rêde varredoira.**

O distrito reclama moralidade e tem direito a espera-la do sr. ministro do reino. S. ex.ª que tem como homem publico uma vida isenta de manchas não hade agora sujar-se com o contacto dos seus empregados de confiança neste distrito.

Não póde o sr. presidente do conselho alegar ignorancia, porque ele viu com seus proprios olhos as cartas do seu delegado de confiança. Faça justiça ao distrito da sua naturalidade. Os seus conterraneos não esperam nem pedem favores politicos do sr. ministro do reino, **mas pedem e esperam moralidade na administração publica.** O que aqui se está passando não tem nome nem desculpa. **E' uma administração em que se revesa o pai com o filho.**

Até quando abusará o governo da nossa paciencia?»

(Do *Correio de Aveiro*, de 6 de setembro de 1887.)

# Padre Pato

—=(*)=—

### A sua honesta administração na Junta das Aradas!—A historia dos 200 escudos

O padre Pato, que é um forrêta de primeira, tem dinheiros e bons dinheiros, segundo consta, a maior parte dos quaes, ele, á cautela, põe em nome da Gloria, o que estimâmos lhe preste.

Como ele e a Gloria teem dinheiros, o que não admira porque nunca déram uma esmola a um pobre nem gastaram um centavo na freguezia—teem defensores na imprensa e noutras partes, pois as condições que eles impõem quando emprestam aos de corda na garganta, além dos fiadores e bons juros—é defenderem-o. Fazem eles muito bem.

Mas os acerrimos e desinteressados defensores do Pato na imprensa, não se contentam só com insultarem e difamarem aqueles a quem o Pato tem perseguido e que não fazem mais que defenderem-se das constantes malandrices com que os perseguem. Vão mais além e enchem a boca com a *honestidade, sem o Pato pôr a descoberto as irregularidades e poucas vergonhas que se praticavam na Junta das Aradas e a honrada e legalissima administração que ele fez.*

Assim falam os acacios e lavradores e o diabo por eles.

Ora caluniar não custa a qualquer que tenha lingua para isso, e a horda do Pato está amestrada na calunia.

Tem bom mestre, um mestre mesmo distinto, que com as suas calunias e malandrices tem indisposto contra ele mais de meia freguezia.

E' só por causa da lingua depravada, venenosa, suja, do chefe desse bando de caluniadores que o Pato tem inimigos.

Mas querem vêr agora a *honesta* administração do Pato na Junta das Aradas?

Um exemplo:

Acta da sessão da Junta de Paroquia das Aradas de 28 de Maio de 1905.

«... O presidente (padre Pato) comunica que recebeu do govêrno de Sua Magestade um subsidio de 200:000 reis para esta freguezia, o qual já deu entrada no cofre paroquial, ficando para resolver, **quando e como** havia de ser empregado.»

Em seguida passaram a outros assuntos.

Sabem o que o Pato fez aos 200:000 reis concedidos pelo govêrno **para esta freguezia** e que deviam ser empregados na reparação de caminhos, fontes, ou outros beneficios para o publico!

Acta da sessão de 1 de Outubro de 1905:

. . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Resolveu que no orçamento que se tem de organizar para o proximo futuro ano, fosse a verba disponivel aplicada para dar principio á casa da residencia do reverendo paroco, no terreno paroquial ao sul da igreja!!!»

E no orçamento lá vem o subsidio do govêrno para a freguezia aplicado á casa do Pato com mais 45:000 reis de sobras.

E vem a honestidade!...

Chama-se a isto em linguagem de grande forrêta, interesseirão e sugador—rigorosa aplicação e administração dos bens dos seus paroquianos!

Não ha duvida; em proveito dele, Pato, todo o rigor e os 200:000 reis da freguezia e para a freguezia—um chavo galego, pois nunca, nunca fez nada de interesse para o povo, como provaremos.

Uma acta diz que o Pato comunicou que o govêrno de Sua Magestade concedeu um subsidio de 200:000 reis **para a freguezia.** E vae o Pato chama a si os 200:000 reis e faz uma casa para ele e para a Gloria—só para não ter de pagar renda de casa e arranjar um quintal dalto lá, além do passal, como arranjou.

Agora vamos vêr o orçamento e as contas. Vão ficar banzados com a *rigorosa e honesta aplicação* deste dinheiro!

Estão fartos de caluniar os outros, fartos de chamar ladrões a quem nunca precisou de sugar dinheiro alheio e a quem nunca foi interesseiro e a quem nunca ficou a dever nada a ninguem, a pessoas bem conhecidas pelo seu desinteresse e pela generosidade com que sabem tratar todos os que recorrem aos seus serviços e com que trataram o proprio Pato quando ele para ali veio, quando ninguem lhe abria a porta.

Os malandros!

Quando se pede uma sindicancia, metem logo empenhos para a não fazerem e assim é que tal sindicancia, que tanto tem reclamado, aos actos de todos, de todos, nunca se conseguiu. Pois então vamos nós provar o que teem feito e mostrar o que vale esse *moralisador da administração paroquial de todos os virtuosos* padre Pato e os que não hesitam diante de nenhuma infamia, para humilharem aqueles a quem não cansam de insultar.

Já se viram documentos.

Pois agora... aos outros documentos!

---

**Continua a ser administrador do concelho, comissario de policia, amanuense do governo civil e chefe da estatisca por obra e graça da autoridade superior do distrito, o sr. Francisco da Encarnação. Quando se viu em Aveiro um escandalo desta naturêsa? E até quando durará ele?**

---

## 31 de Janeiro

Promete ser revestida este ano de excepcional brilho, a comemoração da historica data, que o Porto se prepara para celebrisar, visto ter sido lá que ha 25 anos e pela primeira vez em Portugal se arvorou a bandeira verde-rubra aos gritos de—Viva a Republica!—soltados por uma legião de patriotas, que nesse dia se propoz derrubar as instituições monarquicas por meio da revolução armada sem que, infelizmente, o tivésse conseguido.

Assistirá o chefe do Estado, cuja passagem para a capital do norte dizem ser no domingo, a hora ainda não designada, pelo menos nas cartas que o governo civil fez distribuir, convidando aos cumprimentos do estilo.

---

## O papel de impressão

Deu-se o que previamos na reunião efectuada em Lisboa para tratar da crise que os jornais estão atravessando devido á falta de papel e ao preço por que corre no mercado—muito palanfrorio, muitos alvitres, mas a respeito de resultados práticos, por enquanto, nenhuns. E' verdade que o sr. ministro do Fomento já apresentou uma proposta de lei tendente a resolver o problema por fórma diferente daquela em que assentou a comissão da imprensa nomeada para tratar do assunto e por isso só falta que as duas partes interessadas se entendam, a vêr o que sái de util no meio de toda esta trapalhada em que, afinal, só a imprensa da provincia sofre não pequenos prejuizos.

---

## Um gesto digno

Pediu a sua exoneração de professor interino do liceu para que tinha sido ha pouco nomeado, o engenheiro, sr. Celestino Regala.

Nos tempos que vão correndo, em que todos se julgam habilitados para tudo, preterindo muitas vezes os inabeis e incompetentes os mais competentes e dignos, e em que a ambição de açambarcar todos os logares é moeda corrente, como se estivéssemos em plena monarquia, o procedimento do sr. Regala surpreendeu-nos pela independencia de caracter que revéla nesta refrega de egoismos torpes em que cada um pucha a braza á sua sardinha, deitando a moralidade para traz das costas.

Muito bem, sr. Regala, muito bem. Reconsiderou a tempo e por isso o seu pedido de exoneração apenas o nobilita.

---



# Documentos

———

Entre as comissões Politicas do Partido Republicano Português e o director deste jornal, foram trocados os seguintes oficios, que nos abstemos de comentar... por ora:

Ex.^mo Sr. Arnaldo Ribeiro, Director do jornal *O Democrata*

Tendo-se reunido, em sessão conjunta, as comissões politicas deste concelho de Aveiro, para tratar de vários assuntos de interesse partidario, um dos que, aí, se discutiu, foi o que se refere á necessidade de haver um jornal em Aveiro, orgão do partido Republicano Português que siga a orientação das mesmas comissões.

Para tratar deste assunto foi nomeada uma comissão composta dum membro da comissão municipal e dos Presidentes das Comissões Paroquiaes, que assistiram áquele acto. Antes, porém, de tomarmos qualquer resolução a tal respeito, resolvemos, pela muita consideração que nos merece o jornal de que V. Ex.^a é director, consideração baseada em diversos motivos e entre eles o de ser o jornal republicano mais antigo do concelho, resolvemos perguntar-lhe se ao *O Democrata* convirá subordinar-se áquela orientação.

E para que nós fiquemos bem orientados àcêrca da atitude de V. Ex.^a, perante o partido republicano português, vimos egualmente rogar-lhe, no cumprimento do mandato de que fomos incumbidos, rogar-lhe que nos informe, se nisso não tivér inconveniente, se V. Ex.^a, continua filiado naquele partido.

Era para nós uma grande finêsa, se nos désse uma resposta urgente ás solicitações referidas, dirigindo-ao ao primeiro signatario.

Saude e Fraternidade

Aveiro, 15 de Janeiro de 1916

Pela Comissão Municipal

*Antonio J. Marques*

Pelas Comissões Paroquiaes

*João Augusto da Silva Rosa*
*José de Oliveira Lopes*
*Manuel Tomaz Vieira Junior*
*Mariano Ludgero Maria da Silva*

✠

I. Cidadão Antonio José Marques, digno representante da Comissão Municipal do Partido Republicano Português

Aveiro

Acuso recebido o atencioso oficio que em data de 15 do corrente parte das comissões politicas do Partido Republicano Português deste concelho me dirigiram na qualidade de director do jornal *O Democrata* convidando-me a transforma-lo em orgão das mesmas comissões, e ao qual tenho a honra de responder.

A orientação do *Democrata* está exuberantemente evidenciada nos seus oito anos de publicação, empenhado com a maior e mais decidida lealdade na defêsa persistente e rigida dos genuinos e sãos principios democraticos, sem outra preocupação mais do que servi-los e engrandece-los atravez de todos os sacrificios, que não teem sido poucos.

Absolutamente irredutivel dentro desses principios, inabalavelmente decidido a seguir este caminho—apontando a injustiça, acusando o erro, denunciando o abuso—não será a comunhão de ideiaes razão bastante para o inibir de condenar o proprio correligionario prevaricador. Terrivelmente irá que um partido cale, consinta e afague no seu seio os crimes, as ilegalidades ou outros quaesquer actos que ofendam e firam o prestigio do Direito, a grandêsa da Justiça, a intangibilidade da Lei, só porque o culpado, o criminoso é um correligionario—simples, obscuro, ou valioso e de destaque.

Poderá alguem, menos puritano do que nós, classificar tal orientação de indisciplinada e atribiliaria; mas em boa consciencia ela não é mais do que o sagrado respeito que nos merecem os principios pelos quaes largos anos passamos afirmando e garantindo ás massas populares, á nação inteira onde temos leitores, a religiosa realisação das afirmações solénes e gráves do partido republicano.

Nestes termos, com a maior consideração e devido respeito que nos merecem as comissões representadas no vosso oficio, é minha obrigação dar-vos conhecimento de que, não encontrando na Lei Organica do Partido Republicano Português disposição alguma que autorise a atitude tomada e evidenciada no documento a que me reporto e ainda porque, não abdicando o *Democrata* de tratar e discutir as questões vitaes republicanas com aquela independencia que deve ser apanagio dos que se orientam pelas normas democraticas que concorreram para tornar possivel, ao cabo de porfiada luta, a proclamação da Republica em Portugal, entendo que só ao Directorio, e admitindo a hipotese de que a razão justificativa do vosso oficio seja a de falta de concordancia com a leal, dedicada e intransigente atitude deste semanário, a lei consigna o direito de modificar, caso reconheça que de aí resulte prejuizo ao bom nome ou aos interesses partidarios. Isto, é claro, sem de fórma alguma pretender melindrar-vos e para que, consignada a nossa maneira de vêr, não tome vulto o que em mais dum colléga temos visto escrito sobre disciplina que, conforme a compreendem e exercitam alguns, *é não já feita de abnegantes sacrificios, mas até mesmo de abjecções moraes*...

Ora o *Democrata* não quer isso. Repugna-lhe mesmo que assim procedam os velhos republicanos, filiando-se num partido como quem se alista numa filarmonica sem outra preocupação que não seja obedecerem cegamente á batuta. Não. Semelhante papel não é proprio de nós outros, se bem que estejâmos no campo onde a consciencia nos diz que devemos permanecer enquanto não viér o convencimento da inutilidade dos nossos esforços. Só nesse dia nós abandonaremos a luta, mas então hade o *Democrata* marcar tambem quais sejam as suas responsabilidades na onda de corrupção, que alastra, e na qual se acha envolvido o regimen, onde se reflete todo o mal dos que o servem... á moda antiga...

Eis o que se me oferece dizer-vos, pedindo desculpa de ha mais tempo não o ter feito de harmonia com a urgencia na resposta manifestada por vós.

Saude e Fraternidade.

Aveiro, 24 de Janeiro de 1916

O director do jornal *O Democrata*

**Arnaldo Ribeiro**

---

## A "QUESTÃO DE ESGUEIRA,,

O sr. Governador Civil e o sr. Administrador do concelho de Aveiro, proseguindo na obra de reparação das injustiças feitas aos republicanos democraticos de Esgueira, acabam de praticar mais um acto que merece os nossos sinceros aplausos.

Por alvará de 25 do corrente, foi nomeado regedor efectivo daquéla freguezia o cidadão José dos Santos Oliveira, o mesmo que, mercê das calunias de cértos intriguistas, hoje plenamente desmascarados e inteiramente desacreditados, fôra, em Outubro ultimo, demitido daquele cargo.

O novo regedor tomou posse no dia 26, sendo a sua nomeação bem recebida por todos os verdadeiros republicanos de Esgueira.

Quem a recebeu com a mais fria das cáras foram os supramencionados intrigantes...

Pois que tenham paciencia e que, de futuro, se abstenham de perfidias e trampolinices que, tarde, ou cêdo, veem a ter o preciso correctivo.

---



# Uma fita politica em Oliveira de Azemeis

## BARBOSA DE MAGALHÃES EM FÓGO

Pelos conhecimentos que o leitor já tem sobre este assunto e sabedor, como é, da natureza da politica do nosso distrito *sui generis* desde os malfadados tempos da monarquia e principalmente do reinado de D. Manuel, desse incapacitado homem capaz de salvar do abismo o país, segundo a opinião interrogada do critico austéro, dr. Amador Valente, deve ter dito muitas vezes a sós consigo que o tal sr. Esteves é ou rapaz infeliz ou um mal aconselhado. Nunca este rapaz, se devéras pretendia o logar de oficial de deligencias, devia ter seguido o caminho que trilhou. Se fosse outra a sua orientação, ter-se-ía poupado e poupado os outros amigos e adversarios. E' necessário e mesmo indispensavel conhecerem-se de perto os ideais apregoados e não sentidos dos dirigentes da politica republicana do nosso país, para que, ao baterlhes á porta implorando a sua valiosa protecção, saber qual a declaração de fé partidaria que se tem de fazer.

Se o implorado é democratico, o pedinte reprova o conservantismo, dizendo, em alto om e gesto largo, que Portugal precisa de avançar muito em pouco tempo para entrar no concerto das nações civilisadas. Se é conservador, critica asperamente o democratismo, a demagogia, demonstrando, ainda que não seja senão com berros, que a remodelação duma sociedade atrazada, com habitos inveterados dum passado mais que secular, com um analfabetismo vergonhosamente esmagador, não se faz dum momento para o outro, bruscamente, mas com lentidão, com paciencia, com serenidade, mendigando de todos os homens de influencia eleitoral o concurso da sua reconhecida actividade e desinteresse proprio no resurgimento e engrandecimento moral e financeiro da nossa nacionalidade. Se é independente, encolhe os hombros, faz uma cara de luto e vai dizendo que, como verdadeiro patriota, deplora lacrimosa e sentidamente este deploravel estado de cousas, mas que tem todas as esperanças de vêr chegar o dia aureo para este pobre país quando os homens independentes da politica sobraçarem os negocios da nação. Apenas um cuidado deve haver antes de bater ao ferrolho: é perguntar em que partido estava filiado no tempo da monarquia, porque, se em nenhum tivér estado, o mais prudente será passar ávante. Com republicanos que sofreram no tempo da realêsa as amabilidades da guarda municipal será, na sua maioria, maltratado com o despreso.

Desta maneira consegue-se alguma cousa neste reino de arrangistas. E quem tivér necessidade de passar a vida saboreando o gotejar da feudelhada arca das finanças publicas sem trabalho e sem competencia, não deve ter repugnancia de mudar de casaca a cada momento, dizendo aquilo que não é, protestando aquilo que não sente, porque esses homens de alto coturno, a quem foi entregar uma cartinha de recomendação do senhor da sua terra, fazem o mesmo quando pretendem rendosos logares para si e para a sua familia.

E é por este procésso que se póde explicar hoje a subida aos altos cargos da Republica de homens que no tempo da monarquia, apesar de serem apostolos de todos os partidos e fieis á corôa que veneravam em mensagens de retórica florida, nunca passaram de pequenos empregados de secretaría ou de garotos de recados.

Se o sr. Esteves tivésse um amigo sincéro que lhe fizésse recordar a historia politica do nosso país, citando-lhe factos e avivando-lhe nomes, tinha tambem subido ás audiencias gerais de capa estendida, sería hoje oficial de deligencias nesta comarca.

A triste vida da velha moralidade lusitana ainda é assim. A proclamação da Republica não deu o que devia dar, infelizmente, por enquanto e por muito tempo ainda.

O temperamento português não se modificou com a rajada de 5 de Outubro. Os tubarões apenas se encolheram aos primeiros arrebois dessa linda e esperançosa madrugada. Os procéssos de outr'ora invernaram só o tempo dum susto sem causa. Basta pouco para provar esta verdade.

Então não foi severamente criticado o João Franco por fazer ditadura, e o sr. dr. Alpoim por despachar toda a familia?

E agora, em plena Republica, não está ha muito tempo o sr. dr. Beleza a calcar as leis do país, respeitando unicamente a celeberrima Lei do Saldanha, e o sr. dr. Barbosa de Magalhães a anichar toda a familia com a argumentação irrefutavel e insofismavel de querer só republicanos sincéros e como tais por ele reconhecidos para os logares das repartições publicas?

Antigamente não tinha a imprensa uma lei garrote chamada a *Lei da rôlhas?*

Não tem ela agora uma lei que não lhe deixa dizer as verdades, porque pódem ser consideradas como injurias?

Haja vista o que nos outros tempos acontecia aos jornais republicanos e o que hoje está acontecendo em Aveiro.

Antigamente não se chamava ao nosso distrito o feudo do Conde de Agueda, porque ele tudo mandava, tudo fazia e de tudo dispunha como se isto fosse propriedade sua?

E hoje quem manda no distrito da mesma maneira, não é o sr. dr. Barbosa de Magalhães?

Os procéssos não serão os mesmos, modelados, por desgraça da Republica, em cadinhos verde-rubros?

Outr'ora ía-se a Agueda e era tudo o sr. Conde de Agueda; hoje vai-se até Aveiro e é tudo Barbosa de Magalhães ou Firminos.

Outr'ora era um monarquico que mandava; hoje são os monarquicos que não teem a coragem de dizer em publico que o são, os correligionarios queridos do sr. dr. Barbosa de Magalhães.

Falta-lhe a este marechal um titulo para não haver diferença. E porque não se lhe deve dar um titulo de conde? Não pódem amanhã os poderes constituidos fazer renascer os titulos de nobreza, condecorando o nosso marechal com o titulo de *Conde do Campeão?* Pódem. E, servindo-me duma frase dum jornal da comarca, tenho que dizer bem alto: justiça feita.

Já vê o sr. Esteves, que se tivésse vagueado um pouco pelo passado e pelo presente, tinha posto de parte o seu plano e seguido a nossa opinião. Se assim tivésse pensado e obrado, tinha economisado muito, tinha obstado a que o dr. *Impedido* prometesse o logar a outrem, tinha aliviado a comissão politica da tutéla que o sr. dr. Barbosa de Magalhães lhe quiz impôr, e a mim proprio tinha metido no bolso uns cobres que gastei com os foguetes dum estalo, de meio centavo, foguetes deitados no dia em que o sr. Barbosa de Magalhães pizou esta Londres para dar explicações á comissão politica e para organisar *fortemente* o seu partido democratico.

Com certeza todos os oliveirenses devem estar cértos desse dia, dessa gloriosa jornada do bem descendente do falecido Manuel Firmino. O estralejar dos foguetes, o engrinaldado das ruas, as estrondosas ovações duma multidão compacta devem ter ferido profundamente a sua memoria para que jámais o esquecimento se apodére dessa vitoria politica do marechal... Os influentes do concelho, envergando trajos cerimoniais, curvavam-se á passagem do salvador das Provincias; a comissão politica, *au grad complet*, esperava o solenemente, em reunião de gala, para ouvir da boca desse Messias todas as explicações do seu *qui proquo*, todas as as satisfações ás suas queixas, aos seus azedumes; e os adversarios do sr. Barbosa de Magalhães, escondidos e todos tremulos espreitavam a passagem do séquito real...

Esse dia foi, quasi para toda a gente, de felicidades e alegrias. Os influentes politicos, que, presurosos, correram ao seu encontro, receberam o bastão do mando; a comissão politica ouviu a promessa negativa da realisação da sua pretenção do despacho de oficial de deligencias; e nós, os infantis, tivémos a sorte de não estar á frente da administração do concelho o sr. dr. Beleza, porque talvez estivéssemos a ferros de el-rei... madailense.

Sómente a apoucar o brilho da luzida festa, estava tudo encolerisado o sr. Antonio de Bastos Nunes a exclamar: o sr. dr. Barbosa de Magalhães será corrido á bofetada, aqui ou em Lisboa..

Veja, sr. Esteves, o trabalho e a sensaboria que causou.

**Lopes de Oilveira**
(Medico)

---

## Da China

O correio trouxe-nos esta semana uma apreciavel lembrança do nosso excelente amigo sr. Daniel Maria Freire Côrte-Real, que consiste dum album com nitidas fotogravuras representativas de várias paisagens do extremo oriente, costumes, tipos, construções, etc., e onde, para bem ainda o nosso reconhecimento, estão escritas palavras que bastante nos cativam, filhas da excessiva bondade do ofertante.

Queira o sr. Daniel Côrte-Real receber, pois, os protestos da nossa gratidão ao mesmo tempo que, retribuindo os seus cumprimentos, afectuosamente lhe desejâmos todas as felicidades de que é digno.

---

**Por falta de espaço ficam-nos por publicar alguns originaes do que pedimos desculpa aos seus autores.**

## Notas mundanas

*Vindo do Rio Grande do Sul chegou á sua casa do Crasto, Agueda, o sr. Antonio de Oliveira Figueiredo, a quem cumprimentâmos.*

*=Viéram no domingo a Aveiro para nos visitar, os nossos correligionarios de Loureiro, srs. Joaquim Soares de Figueiredo Castro, José de Oliveira e seu filho Antonio de Oliveira e Silva.*

*=Tambem aqui estivéram os srs. João Nunes Pinguelo, de Ilhavo; Manuel Silvestre e esposa, e Guilherme Francisco Luizo, de Nariz; Manuel Francisco Braz e irmão da Povoa do Valado; José de Barros, de Aguas Boas; Manuel Antonio Ferreira Pires, da Povoa do Forno; Joaquim Ribeiro de Matos, do Pinheiro; Fernando Ramos Pereira, de Espinho; José Alves de Oliveira, de Agueda e Joaquim Dias Batista, de Ilhavo.*

*=Por causa do seu precario estado de saude, está atualmente residindo no Porto, o distinto clinico de Macieira de Cambra, sr. dr. Augusto do Amaral.*

*Rapidas melhoras lhe desejâmos.*

*=Embarcou em Lisboa no Anselm com destino ao Pará onde o chamam os negocios da sua importante casa comercial, o sr. Antonio Tavares Coutinho, da mesma vila, onde gosa de geraes simpatías.*

*Feliz viagem.*

*=Foi registado com o nome de João Pereira Soares, o primogenito do esclarecido clinico, sr. dr. Francisco Soares, servindo de padrinhos, o avô materno, sr. João da Silva Pereira; a avó paterna, sr.ª D. Rosa Marques Soares e a sr.ª D. Maria Tereza da Silva Pereira Peixinho e Armando da Silva Pereira.*

*Infindas venturas.*

*=Adoeceu em Manáus o nosso bom amigo e conterraneo, sr. João Simões Amaro, que é possivel tenha já embarcado com destino a Portugal.*

*=Afim de se sugeitar a uma operação, deu entrada no Hospital de Santo Antonio, do Porto, o sr. Armando Ferreira Lapa, a quem apetecemos bréve restabelecimento.*

*=Cumprimentou-nos na terça-feira o sr. João Gonçalves, do Paço, que dentro em pouco tenciona regressar ao Pará onde possue uma importante casa comercial.*

*E' um cavalheiro assaz simpatico, que muito folgâmos conhecer.*

*=Segue no dia 1 para Lourenço Marques o sr. Julio Dias Pereira, natural de Verdemilho, e que pelas suas bélas qualidades de caracter gosa ali de gerais simpatías.*

*Que tenha excelente viagem e a felicidade o não desampare são os votos que fazemos ao dar lhe o abraço de despedida.*

*=De passagem para o Porto, esteve nésta cidade o sr. Jorge Leite Braga Varêta, que foi hospede da sr.ª D. Ludovina Gamélas Costa, avó de sua esposa, de quem se fazia acompanhar.*

*=Adoeceu dos olhos o nosso presado amigo, sr. João da Cruz Bento, negociante de pescado dos mais considerados na Beira-mar.*

*Sentimos e desejâmos a sua rapida cura.*

*=Viéram ás suas casas de Requeixo, os srs. Manuel Dias dos Santos e Serafim Bartolo, conceituados ourives em Valença.*

*=Chegou a Aveiro, onde pouco se demora, o velho republicano João Ferreira.*

## Anuario da Escola Secundaria de Comercio

Vem de publicar o seu terceiro relatorio anual este acreditado estabelecimento de ensino comercial, de que é director o nosso amigo e colaborador sr. Humberto Beça, e hoje um dos mais acreditados da capital do norte.

Magnificamente instalado em um soberbo palacete da rua Fernandes Tomás, edificio amplo e cheio de luz e de ar, acabado de construir, a *Escola Secundaria de Comercio* impõe-se não só pela sua modelar instalação, mas pelo escolhido corpo docente e metodos de ensino, essencialmente práticos, intuitivos e rapidos.

O magnifico volume agora publicado, impresso em papel esmalte e profusamente ilustrado, confirmando os créditos que em pouco tempo soube conquistar, é um valioso documento do seu progressivo desenvolvimento e das magnificas instalações de que hoje dispõe a *Escola Secundaria de Comercio*.

Como relatorio escolar, o anuario da escola portuense é dos mais completos e curiosos que temos visto, não só pelo seu bélo plano de organisação mas pelos magnificos artigos que insére e que o tornam uma obra de merecimento e de verdadeiro valor pedagogico.

Ao sr. Humberto Beça, seu organisador e director da escola, que apresente publicação honra, os nossos emboras pelo seu magnifico trabalho.

## O crime de S. Bernardo

### A melhor testemunha

Um empregado publico que, segundo é voz corrente, escreve num jornal desta cidade, está muito bem informado ácêrca do crime de S. Bernardo.

Sr. Dr. Delegado do Procurador da Republica: V. Ex.ª já ouviu o homem que escreve nesse jornal ácêrca do crime de S. Bernardo?

Não demore V. Ex.ª as providencias. E' preciso aclarar tudo.

O homem do *Riso do Vouga* não sabe só quem matou: sabe tambem quem mandou matar o *Pincarinho*.

Vamos, sr. Delegado: é ouvir o homem. Queremos tambem que o homem diga tudo o que sabe para que nenhum criminoso, nenhum, fique impune.

O homem tem feito afirmações muito graves e muito perentorias ácêrca do crime de S. Bernardo e do de Fermentélos.

E' preciso ouvir o homem.

E' a melhor das testemunhas.

Sabe quem mandou matar.

Que ponha tudo em pratos limpos então. Queremos, sobretudo, saber os nomes dos mandatarios.

Que a justiça não demore!

O homem tem de fala!

## BOMBÉIROS VOLUNTARIOS

Festeja no domingo o seu 37.º aniversario esta corporação, que tantos e assinalados serviços tem prestado a Aveiro sempre que o seu auxilio é solicitado para acudir a alguma desgraça.

Se o tempo o permitir efectuará nesse dia uma parada no Largo do Rocio, isto além doutras demonstrações festivas que tenciona levar a efeito.

## A pesca no litoral

A comissão que daqui foi a Lisboa entregar ao sr. ministro da marinha uma representação, pedindo providencias no sentido de salvarem as emprezas de pesca da crise que atravessam por causa do emprego dos cêrcos americanos, autorisado pela lei de 7 de Junho de 1913, regressou já, tendo ouvido do titular da referida pasta as sacramentaes palavras de que providencias vão ser tomadas em harmonia com as reclamações, que não pódem ser mais justas.

Porém, ainda que quanto antes, essas providencias que o sr. ministro prometeu, se é que alguma consideração merece ao governo a pobreza desta vasta região que da pesca tirava o alimento, dando ainda ao Estado fabulosos lucros.

## ENTREVISTA

# O deputado por Moçambique

## descreve a um jornalista qual a sua atitude e situação na Câmara

Tendo estado ultimamente no Porto o ilustre republicano, dr. Alfredo de Magalhães, que, como representante de uma das nossas melhores possessões—a provincia de Moçambique—tomou assento na Câmara no atual periodo legislativo, o nosso coléga *A Montanha* conseguiu obter dele alguns esclarecimentos sobre qual seja a sua acção parlamentar, sendo deste modo entabolada a conversação com o jornalista que a s. ex.ª pediu a entrevista:

—Entrevista, propriamente, não; —disse o sr. dr. Alfredo de Magalhães. Estão tão desacreditadas os entrevistas... Mas se v. ex.ª me pede, agora que regresso á atividade politica, as razões da minha atitude e da minha situação no Parlamento, não tenho duvida em dizer-lhe já o que neste momento posso dizer, que não é muito, mas...

—Era só isso, precisamente, o que eu desejava, pois tendo v. ex.ª militado no partido democratico até á sua irradiação ou afastamento, não se compreende bem a posição que começou por escolher na camara ao lado do deputado catolico...

—Perdão, mais devagar!—atalhou o sr. dr. Alfredo de Magalhães—não sou eu que estou ao lado do deputado catolico: é o deputado catolico que está ao meu lado, o que não deixa de ser diferente. Na extrema esquerda está o sr. Costa Junior, socialista; logicamente se depreende que deveria ocupar a extrema direita o rev. dr. Castro Meireles e não o sr. dr. Brito Camacho, que é quem lá está! Onde eu me sentia bem era no centro, entre a esquerda democratica e as direitas, mas não encontrando lugar ali, procurei por isso o meu *fauteuil* de deputado independente entre os evolucionistas e os unionistas. Não tinha outra situação.

Deixe-me afirmar-lhe agora, que ao contrário do que geralmente se cuida, eu nunca estive filiado em qualquer dos atuais partidos da Republica. E'-me grato repetir, várias vezes o tenho feito, esta declaração formal. Tomei parte no Grupo parlamentar democratico, que tinha por *leader* o sr. dr. Afonso Costa, grupo que se constituiu de muito bôa fé, por mim falo, para dar coesão e unidade aos trabalhos da Constituição, mas nunca me passou pela cabeça que esse Grupo viésse a transformar-se numa facção nova; e no ultimo Congresso do antigo Partido Republicano Português, como se póde verificar pelo respectivo Boletim, sustentei com toda a energia e toda a convicção, que o maior de todos os erros politicos seria a fragmentação do grande e glorioso partido historico, que tendo levado a cabo o *acto* da Revolução, tinha deante de si missão muito mais ardua e complexa—a de consolidar o regimen. Nesse congresso não apareceu—o que foi deploravel—o sr. dr. Antonio José de Almeida; e o sr. dr. Brito Camacho, vendo rudemente atacados os seus amigos do Directorio cessante (organisadores da Revolução) e constatando o malogro da proposta Teixeira de Queiroz para que se dissolvesse o velho Partido Republicano, abandonou desde logo os trabalhos do congresso, o que não foi menos deploravel. São factos que convém não esquecer, para definir e precisar responsabilidades no profundo desiquilibrio que resultou, a meu vêr, da posse e permanencia, quasi que ininterrupta, do Partido Democratico no poder desde o governo provisorio até hoje, desiquilibrio funesto ao país e a todos os partidos, sem exceptuar o democratico triunfante, se considerarmos com atenção o futuro, muito mais importante que o presente.

—Mas não é cérto que v. ex.ª colaborou ainda com o partido democratico no congresso de Aveiro, donde saíu eleito para o Directorio?

—Essa colaboração foi mais aparente do que real; e assim se explica a minha *irradiação*, para não considerar senão os motivos confessaveis dela. Então, como hoje, eu pensava que a função do Directorio, longe de ser uma chancela passiva posta sem exame aos actos governativos, devia ser mais ampla, nobre, independente, inspirando-se na letra e no espirito do nosso antigo programa para obrigar os governos, sem considerações pessoais de qualquer natureza, a honrarem rigorosamente os compromissos da Revolução para com o país. Assim pensava e assim penso ainda. Nada mais claro nem mais patriotico; e se outros, no intimo insubmissos como eu, não ergueram até hoje o seu protesto, incorrendo em tremendas responsabilidades perante a Historia, é que foram avassalados pelo grande mal desta hora, a cobardia colectiva, para a qual não sei de onde hade vir remedio eficaz... Porque o que eu disse em voz alta, anda aí a dize-lo toda a gente em voz baixa, não é assim? Ora se é!

—De modo que a atitude do sr. dr. na Camara...

—E' bem facil de compreender; mas sobre ela nem uma palavra avançarei, para não prejudicar juizos.

Devo só acrescentar, a titulo de informação, que não iniciarei a minha acção parlamentar antes de serem apresentadas á Camara as propostas do governo sobre administração colonial. Assim devo proceder como homenagem aos meus eleitores de Moçambique, a quem prometi envidar o melhor do meu esforço na obra para mim consoladora de transformar os nossos inqualificaveis processos de governo do ultramar, que são tudo o que ha de mais *ancien régime*. Porque, meu amigo, as nossas colonias, imersas em sombras profundas, precisam de ser *descobertas*—vá-se com esta que lhe digo—segunda vez...

E não lhe digo mais nada.

Escusado será dizer que se até aqui se anceiava por que o conhecido democrata dissésse da sua justiça, a curiosidade agora é ainda maior depois desta palestra amena em que evidenciadas ficam as disposições do antigo combatente tão querido no seio do velho partido republicano.

## CATRA

*Meu cáro amigo*

*Casualmente tive conhecimento de que alguns distribuidores postaes chamados a depôr num processo que é movido contra* O Democrata, *se recusaram responder no tribunal a qualquer pergunta que lhe foi feita por a julgarem em aberta oposição com o sigilio que a Lei Organica dos serviços que desempenham lhes impõe.*

*Pela mesma fórma tambem soube que o autor do referido processo, o sr. Firmino de Vilhena, foi de facto queixar-se ao chefe dos serviços telegrafopostaes, sr. Ernesto Caldeira Prazeres, que por sua vez, chamando á sua presença os referidos empregados, além de lhes exprobrar o seu procedimento não têve repugnancia em afirmar que a atitude daqueles era a consequencia da minha intervenção junto dos referidos empregados para obter tal resultado.*

*Eu, meu amigo, não quero discutir a atitude do sr. chefe dos serviços neste caso, tornando-se agente de pessoas estranhas dentro do campo da sua acção como funcionario, nem tambem como se está servindo da sua situação de chefe superior para influir na orientação dos seus subordinados, tentando força-los a dizer o que, em consciencia, lhes repugna; o que venho é protestar publica e solénemente contra a falsa referencia que se faz á minha pessoa, atribuindo-se-me tão grosseira e falsamente actos que não pratiquei.*

*Limitando me agora ao que fica dito—porque talvez haja muito mais que dizer—aceite o agradecimento pela inserção destas linhas, do*

*amigo dedicado e grato*

*27—1.º—1916*

**Alfredo Cezar de Brito**



**Para se julgar a questão de Arada não basta ouvir o padre. O padre diz o que quer e chora quando quer.**

**E' preciso saber-se tambem o que o padre tem feito e para isso basta ouvir as suas vitimas e competentes testemunhas, que não são poucas e se contam entre pessoas das mais sérias e consideradas da freguezia, digam lá o que dissérem os que só vivem de rancores e de calunias.**

## Club dos Galitos

Realizou se no domingo uma *soirée* promovida por alguns socios desta florescente casa de recreio, na qual tomou parte, como de costume, a fina flôr da nossa tricaninha.

O serviço foi profuso e esmerado, dançando-se animadamente até ás primeiras horas de segunda-feira.



## Mais bombas em Arada

Durante os dias de sabado e domingo ultimos ouviram-se, em Arada, numerosas e seguidas explosões de dinamite, que foram o sobresalto de toda a cidade.

Calcula-se que tenham rebentado ali mais de 200 bombas!

De Aveiro acorreu áquele logar, no domingo, uma enorme quantidade de pessoas anciosas por verem os restos do cadaver do padre Pato, que se esperava estivésse feito em estilhas bem como a sua inseparavel companheira, o seu querido Zé Carraca e estremecida enteada, Augusta.

Felizmente as bombas não atingiram o Pato nem a familia, o que aliás sucéde sempre com bombas de Arada.

Mas em compensação, os visitantes encontraram em vez de cadaver de pato, magnifico carneiro em honra de S. Sebastião...

### Necrología

Na sua casa das Barrócas, faleceu na ultima sexta-feira, pelas 3 horas da madrugada, a sr.ª D. Rosa Marques Batista da Silva, dedicada esposa do capitalista sr. Manuel Marques da Silva e sogra dos srs. dr. José Maria Soares, tenente medico atualmente em Africa, Alfredo Osorio, muito digno farmaceutico estabelecido nésta cidade e Francisco Soares, alferes de infanteria 24.

Contava a bondosa senhora, que era natural de Tabaeira, 64 anos de edade, e pois que a sua vida foi um exemplo de virtude, legando a seus filhos um nome de que eles legitimamente se orgulham, daqui acompanhamos os doridos remetendo-lhes o nosso cartão de sendidos pêsames.

=Tambem em Coimbra deixaram de existir a esposa do considerado clinico sr. dr. Luiz Rozete e Frederico da Cuuha e Costa Marques Mano, filho do talentoso professor e advogado, dr. Eldefonso Marques Mano, a quem a morte arrebatou ha anos.

## Os 49... centavos

Os leitores ao depararem com a epigrafe que encima este artigo, julgarão que se refere a algum numero da *faluda* ou que algum felizardo beneficiou dela com o supradito numero em contos... Afinal depois de fixarem bem a atenção e assestarem bem as lunetas, ficam como nós—com a mesma impressão de desalento quando sonhamos com as riquezas deslumbrantes e fantasticas das *Mil e Uma Noites*—concluindo em verificar que os contos eram centavos.

Pois isso que aí está, não



### Eclipse do sol

—=(*)=—

Anuncia-se para o dia 3 de Fevereiro proximo um eclipse do astro solar cuja linha de totalidade começa no Oceano Pacifico, America do Sul, Atlantico, terminando na Irlanda.

No trajecto pelo Atlantico o eclipse é quasi total nos Açôres, aonde por esse efeito se dirigirão várias missões de estudo para observarem o fenomeno.

é mais nada que o dardo ignominioso com que se fere o professor fazendo-o passar uma vida de privações e de amarguras! Daí a consequente necessidade de elucidar o publico e fazer-lhe vêr a enorme razão que nos assiste.

Não se trata aqui de zelar interesses menos justos nem de fazer vêr coisas que a realidade não apregôa. Se é muitas vezes um disparate lutar por uma causa, em que se prevêem resultados estéreis, é tambem um crime amoldar ao silencio consciencias revoltadas. Por isso não serei eu que me contente com o simples papel de espectador que presenceia uma scêna que a todos alanceia o coração. Quero que o povo saiba que nem todos os que se sentam á meza do orçamento são banqueteados com a mesma parcimoniosidade. A uns, por exemplo, não falta Deus ou o Diabo com coisa nenhuma. A outros até o pão lhe regateiam. Não me propunha tratar deste assunto, visto que tambem sou interessado, e nesse caso algum espirito menos justiceiro e conscencioso mudar o sentido das minhas honestas intenções por um alvo barriguista, se o meu coração não sentisse o palpitar do coração de todos os meus colégas, que estão sedentos de justiça. Mas da justiça sã e sem favoritismo, aquela que emana do direito nobre e bem conquistado. Toda uma classe numerosa, como é a do professorado, anceia porqúe sôe a hora em que se sinta aliviada desse turbilhão enorme de pensamentos que a tortura para lhe permitirem, com os seus magros vencimentos, levar uma vida decente e equilibrada. Vemos que todas as classes se estão precavendo contra a tremenda carestia da vida que nos assoberba.

O operario pede aumento de salario e diminuição das horas de trabalho.

O industrial, seja ele de que natureza fôr, aumenta os preços aos produtos das suas fabricas, etc.; a guerra é o pretexto favorito para todas as especulações.

Nós, que já antes da guerra tinhamos um ordenado já não digo irrisorio, mas nojento, (porque era e é inferior ao dum simples sapateiro) com ela, continuamos a ter o mesmo. Quer dizer: ou ele ou o nosso estomago é elastico. Pois se antes mal chegava ao minimo das nossas necessidades, agora,que *tudo* encareceu, para que nos serve, digamme? Quem é que com $49 diarios e com os encargos de um professor póde viver desafogadamente? Com eles não suponham que se póde ir mais longe do que a uma frugal e modesta alimentação e... basta.

Para vestuário e outras despêsas, é forçoso procurar outros recursos. Esta é que é a verdade núa e sem sofismas.

Não é justo que os sensores baratos e balôfos se ocupem em conversas de soalheiro a criticar a farpéla do professor ou em dizer que este ou aquele pouco trabalha; deviam, bem ao contrário, considerar que muito produz ele, em relação á maneira mesquinha e ingrata como são pagos os seus inegualaveis serviços.

Janeiro de 1916.

A. J. V

## Serviço de administração

*CONGO BELGA*

**Levâmos ao conhecimento dos nossos presados assinantes desta região que se acham na posse do sr. Julio Diniz, residente em Bôma, casa Vale & C.ª, todos os recibos do** *Democrata* **que obsequiosamente se encarrega de cobrar, e por isso esperamos que todos lhe enviem as importancias neles expressas assim que, pelo correio, recebam o competente aviso.**

**Desde já os nossos agradecimentos.**

*MANAUS*

**Tambem o nosso amigo sr. João Simões Amaro possue já os recibos dos assinantes de Manaus (E. U. do Brazil) a quem pedimos o favor de lhos satisfazerem logo que sejam apresentados afim de lhe evitarem quanto possivel massadas e perda de tempo.**

## CORRESPONDENCIAS

### Cacia, 25

### A quem compete

Temos lido em alguns jornaes, mesmo no *Democrata*, que a classe piscatoria está morrendo de fome, e que ultimamente teem emigrado muitos pescadores, chefes de familia, deixando estas no maior desespero, a dois passos da mizeria.

Ora enquanto isto se passa com os pobres pescadores que não tem outro modo de vida, dá-se o contrario nesta freguezia ou seja nos logares de Vilarinho e Povoa do Paço, principalmente.

Com tal descaro inaudito, gente, que não vive da pesca, entretem-se a deitar umas rêdes denominadas *galrixos*, matando assim as especies mais miudas que se encontram na ria, tão miudas que um dia destes vimos nós destinar a sustento de suinos uma grande porção de enguias e sôlhas tão pequeninas que ficámos indignados com tal vandalismo. Mas passa-se isto com individuos que exercem a industria da pesca por entertinimento quando os pobres pescadores morrem de fome!

Não poderá o sr. capitão do porto coíbir um tal abuso?

*S.*

### Anadia, 24

Ontem realizou-se, no Posto Agrario desta vila, uma importante reunião dos proprietarios do concelho, a fim de ser formado um Sindicato Agricola. Foram discutidos os estatutos, que vão ser submetidos á aprovação do Govêrno, e, neste caso, a assembleia têve a maxima atenção, chegando mesmo, por vezes, a manifestar o seu grande inte esse pela fórma porque eram apreciadas muitas das suas disposições. Por fim foram eleitos os corpos gerentes para o primeiro biénio, havendo neste acto um escrupulo tal, que a discussão decorreu acalorada até final contento de todas as partes. A grande assistencia provou assim que muito se intesessa pela causa ali debatida e ficou esperançada em que muitos serão os beneficios que, dentro em pouco, advirão para a nossa agricultura.

C.



## ANUNCIOS



## AÇÃO DE DIVORCIO

*(Publicação unica)*

PELO Juiso de Direito da comarca de Aveiro e cartorio do escrivão do quinto oficio — Cristo — correu seus termos uma acção de divorcio em que foi anctora Maximina Martins, lavradora, residente no logar de Vila Nova, freguezia da Palhaça, e reu seu marido Joaquim Francisco Caniçais, tambem lavrador, residente no mesmo logar e freguezia.

E nesta acção foi decretado o divorcio litigioso entre os referidos conjuges, por sentença de vinte e tres de dezembro proximo passado, que transitou em julgado, pelo fundamento no artigo 4.º numero 4.º do Decreto de 3 de Novembro de 1910, para os efeitos do artigo 1.º numero 2 e do artigo 2.º do mesmo Decreto o que se anuncia para os efeitos legaes nos termos do artigo 19.º do referido decreto de 3 de Novembro de 1910.

Aveiro, 15 de Janeiro de 1916.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

*Regalão.*

O escrivão do 5.º oficio,

*Julio Homem de Carvalho Cristo.*

## CASA DE PENHORES

Previnem-se os srs. mutuarios da casa de emprestimos sobre penhores, de João Mendes da Costa, para reformarem os seus contractos que tenham mais de cinco mezes no praso dum mez, afim de não serem vendidos os respectivos penhores.

Aveiro, 24 de Janeiro de 1916.